

## *Carta dos editores*

Nesta décima edição de *Música e Cultura*, não poderíamos deixar de apontar os graves acontecimentos nas áreas política e econômica que acometeram o Brasil desde o número anterior da revista. Os impactos negativos da ruptura institucional e das reformas econômicas exigidas pelo capital transnacional se fizeram sentir imediatamente no campo de atuação da Etnomusicologia no país. Tais impactos abrangeram desde cortes de verbas das Universidades públicas e órgãos de fomento à pesquisa e pós-graduação, até a perda de direitos, taxa de desemprego recorde e piora geral das condições de vida da população mais ampla, especialmente os setores mais marginalizados, aos quais a Etnomusicologia feita no Brasil tem dedicado atenção especial.

Neste cenário, entendemos que cada vez mais urgente é a realização de pesquisas etnomusicológicas, na busca de compreensão e transformação ativa da realidade social. É, portanto, com grande satisfação que apresentamos mais uma seleção de trabalhos comprometidos com o aprofundamento teórico e com a atuação dedicada no plano concreto. Atuação esta muitas vezes fundada na ideia de participação e colaboração com as populações envolvidas, tornadas sujeitos da pesquisa.

**Rita de Cácia Oenning da Silva**, neste sentido, analisa a autoexpressão de crianças artistas da periferia do Recife, nos termos do que elas denominam como “cultura de nossa periferia”. Usando o hip hop em música, dança e letras, além de ferramentas audiovisuais, elas realizam uma crítica ativa sobre as narrativas estigmatizantes da mídia, ao mesmo tempo em que constroem suas próprias identidades por meio da performance.

**Luana Zambiazzi dos Santos** também se volta para o universo das periferias urbanas, na cidade de São Leopoldo, região metropolitana de Porto Alegre (RS). Aqui, o rap também participa na construção ativa de identidades e pertencimentos, como forma de lidar com as memórias da violência ou para preparar novos territórios.

A Etnomusicologia Colaborativa é o principal assunto de **Líliam Barros** e **Cristhian Teófilo da Silva**, em seu artigo, ao abordar o campo interdisciplinar da etnomusicologia na região pan-amazônica. Questionando a hegemonia da geopolítica do conhecimento, os autores tecem um estado da arte das pesquisas colaborativas no Brasil como um todo, para então focarem-se nos trabalhos realizados no território de sua escolha, e em seus resultados.

Um estado da arte da Etnomusicologia Aplicada e da utilização da metodologia da Pesquisa-Ação por etnomusicólogos no Brasil é, de maneira análoga, a proposta de **Paulo Vinícius Amado**, explorando, de um lado, a diversidade territorial abrangida pelas diferentes propostas, e, de outro, a convergência teórica observada entre seus proponentes.

Compreendendo o trabalho atual da Etnomusicologia como implicado nas dinâmicas da globalização, **Vincenzo Cambria** oferece uma reflexão teórica sobre o conceito de “cenas musicais”. Segundo o autor, o conceito fornece vantagens para sua utilização por etnomusicólogos (que, não obstante, não o vêm empregando, de acordo com Cambria), derivadas de sua maior flexibilidade, permitindo referir-se a uma

dimensão socioespacial sem que sejam circunscritas a um território geográfico específico. Entretanto, o autor observa que, nos trabalhos de outras áreas que comenta, a noção de cena “estaria ainda vaga e ambígua demais para permitir que uma clara perspectiva teórica alternativa seja desenvolvida em torno dela”. Como forma de lidar com esta dificuldade, Cambria sugere que a dimensão da cidade, localizada, em termos de abrangência, entre o nível micro (a “comunidade”) e os níveis macro (os Estados-Nação ou os processos transnacionais “desterritorializados”) permitiria perceber, de forma mais concreta, o funcionamento de fluxos e conexões globalizantes em uma dimensão mais local.

**Alvaro Neder** volta-se para uma realidade que ainda não havia sido pesquisada: a região do atual Mato Grosso do Sul em sua contraditória relação com uma música urbana produzida aí desde os anos 1960, e denominada de “Música do Litoral Central”, ou MLC, a partir das conexões históricas, culturais e geográficas com a Bacia do Prata. Indo na contramão da ideologia da segurança nacional, imposta pela ditadura militar, que entendia os países vizinhos como perigosos focos de subversão e guerrilhas, essa música, desde sua concepção, buscou inspiração nos gêneros musicais desses países *hermanos* – especialmente a guarânia e a polca paraguaias e o chamamé argentino. Tendo este e outros princípios contra-ideológicos em sua gênese, entretanto, a MLC terminou sofrendo acirrado processo de cooptação, à medida que as elites locais viram nessa música um poderoso símbolo identitário que justificasse suas pretensões – finalmente realizadas – de criar um novo estado federativo e se apoderar de sua máquina administrativa.

**Brenda Suyanne Barbosa** descreve e discute a música no ritual de batismo denominado *Nhemongarai* (Ritual do Milho) praticado pelos Mbya-Guarani, buscando compreender a existência de possíveis traços de música europeia e/ou midiática na cerimônia. Para a autora, apesar da presença de elementos de músicas midiáticas no cotidiano da cultura guarani, e da influência da música europeia no uso do violão e violino, e nas noções de introdução/ponte/coda, solo e coro, a música ritual dos Mbyá-Guarani consegue se manter infensa, devido à sua sacralidade.

Em nossa seção de resenhas, **Alcides Lopes** aborda a importante obra do antropólogo e etnomusicólogo Anthony Seeger, *Por que cantam os Kĩsêdjê*. Apesar de muito conhecida entre os etnomusicólogos em sua versão original, a tradução desse livro de referência é bastante bem-vinda, principalmente para apoiar nossos cursos de graduação em Etnomusicologia, sendo muito útil, também, para tornar mais próxima nossa área do público mais amplo.

Boa leitura!

**Alvaro Neder**

**Spensy Kmitta Pimentel**

Editores de *Música e Cultura*